

As Representações do Mito do Minhocão: uma análise das narrativas orais pantaneiras¹

Daiana Bragueto Martins²
UEL

Resumo: Esse texto abrange um estudo teórico-literário do mito do Minhocão presente na voz do pantaneiro. Com ênfase nas variações das narrativas orais, em que se busca compreender os fatores que levam os narradores pantaneiros a atualizarem o mito. Através da análise de duas narrativas orais de um mesmo narrador que, ao narrar suas experiências vividas com o Minhocão em momentos diferentes de sua vida, permite compreender como esse processo de atualização da narrativa oral ocorre na cultura oral pantaneira. Nesse processo, encontra-se uma variação referente ao gênero das narrativas orais sobre o Minhocão, sendo ora classificadas como mito ora como lenda. Toma-se como ponto de partida, a forma como o narrador expressa através da poesia oral suas experiências vividas em algum momento e local no passado.

Palavras-Chave: poesia oral, o mito do Minhocão, narrativas orais.

Abstract: This text approaches a theory and literary studies of the “Minhocão” myth present into the “pantaneiro” voice. Emphasize the oral narratives changes, which turn out to understand the factors that lead the “pantaneiro” narrator update the myth. Through the analyze of two oral narratives from the same narrator, when he told us his life experiences with the “Minhocão” in different moments of his life, we could understand how this update

¹ Esse estudo é parte da pesquisa de Iniciação Científica, realizada no período de julho de 2003 a agosto de 2004, na Universidade Estadual de Londrina, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e desenvolvida sob orientação do professor doutor Frederico Augusto Garcia Fernandes.

² Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Londrina - UEL

process of the oral narrative happens in the “pantaneira” oral culture. In this process, there is a change in the genre which the oral narratives about “Minhocão” approach; it’s sometimes classified as a myth and others as a legend. The starting-point of this work is the way how the narrator expresses his life experience through the oral poetry sometime and somewhere in the past.

Key-words: oral poetry, Minhocão myth, oral narratives.

INTRODUÇÃO

As representações do mito do Minhocão em narrativas orais pantaneiras são compartilhadas por vários indivíduos dessa comunidade narrativa através da manifestação da poesia oral. Esse texto está embasado nas teorias de poesia oral desenvolvidas por vários estudiosos. A seguir, apresentam-se definições do conceito que eles atribuem sobre à “poesia oral”. Havelock, ao estudar o discurso poético oral dos poemas épicos, afirma que

poema [oral] é composto de modo que as situações específicas necessárias a uma história sejam reunidas de acordo com padrões de comportamento típicos. São todos fragmentos da vida e lembranças do dia tal como é vivido [nessa] sociedade. (1996:95)

Ele entende a poesia oral como “um modelo geral, a origem e sustentação da tradição do grupo. (...) A palavra conservada como veículo de educação geral [que] adquiriu um poder de sobrevivência por muitas gerações; era a voz da história e da tradição”. (1996:123)

Para Zumthor, a poesia oral é

uma dessas situações; eminente, ao certo, mas onde se ouve mais ou menos confusamente o eco das outras. daquelas sobretudo que prolongam entre nós costumes, sem dúvida, tão antigos quanto a voz humana, a cada mutação cultural readaptada às circunstâncias. (1997:89)

Ele continua afirmando que

O texto poético oral leva necessariamente o ouvinte a se identificar com o mensageiro das palavras sentidas em comum, ou até com as próprias palavras.

Para além das negatividades próprias a todo uso estético da linguagem, para além da indiferença radical na poesia enquanto tal, a performance unifica e une. Essa é sua função permanente. (1997:247)

A escolha do termo “poesia oral” vem em substituição à “literatura oral”. Nas palavras de Zumthor, a literatura oral “será tomada como uma subclasse da popular, enquanto que alguns se negarão a ligar essas categorias ou atribuirão (despreocupados com essa petição de princípio) o título de primitivo a toda poesia puramente oral” (1997:25). A expressão “literatura oral” surge em 1881 com Sebillot e possui um sentido atrelado à cultura escrita. Assevera Ong (1998), que a melhor definição para uma manifestação poética que circula oralmente é “poesia oral”. Dessa forma, “poesia” está sendo empregada num sentido “latu”, que encontra-se presente em qualquer manifestação artística. Logo, o conjunto de textos denominados “poesia oral” pode se referir tanto aos textos em prosa como em verso veiculados oralmente.

Uma característica fundamental da poesia oral é que ela está integrada a uma existência coletiva, sendo um misto de lembranças e atualizações, ao passo que a mensagem poética, ao ser transmitida, recorre à memória que uma comunidade narrativa tem sobre o fato a ser contado. Assim o narrador, segundo Lima (1985:26), “em seu lugar e em seu tempo, informa sobre uma cultura específica, sobre um estilo e uma ética, podendo revelar a incorporação de dados do cotidiano como suporte vivificador e atualizador da prática tradicional do contar histórias”.

O conhecimento a respeito do mito do Minhocão, para os narradores, apresenta-se como marca da identidade pantaneira. Para Banducci, os pantaneiros são:

as pessoas que residem e/ou trabalham nas fazendas do pantanal, em caráter permanente ou transitório, e se autodenominam pantaneiros. A categoria abrange os indivíduos que compartilham os hábitos e valores da cultura local e que se submetem às suas regras de convívio social. (1995,14)

Os narradores pantaneiros, cada um com a sua versão do mito, narram histórias do Minhocão conforme suas lembranças. Por isso, as narrativas apresentam variações, tanto no que se referem às suas ações quanto ao seu aspecto físico. Essas variações acarretam mudanças de sentido no texto oral e, também, implicam uma atualização do mito.

Walter Ong afirma que a originalidade das narrativas orais

reside não na construção de novas histórias, mas na administração de uma interação especial com sua audiência, em sua época – a cada narração, deve-se dar à história, de uma maneira única, uma situação singular, pois nas culturas orais o público deve ser levado a reagir, muitas vezes intensamente. Porém, os narradores também introduzem novos elementos em velhas histórias. Na tradição oral, haverá tantas variantes menores de um mito quantas forem às repetições dele, e a quantidade de repetições pode aumentar indefinidamente. (1998:53)

Isso ocorre com as narrativas pantaneiras, à proporção que o mito do Minhocão apresenta-se na voz de cada narrador ora com as mesmas características ora completamente diferenciado. Um mesmo narrador pode contar várias histórias do Minhocão e, ao atualizá-las, pode mostrar modificações em relação ao primeiro relato como pode transpor a narrativas novas experiências. Na voz dos pantaneiros, o Minhocão aparece como um bicho preto que habita as águas pantaneiras, ora esse bicho é uma minhoca grande ora uma cobra. Outros atribuem a ele aspectos físicos similares a objetos do cotidiano: uma lancha virada, um batelão, um pau que vem rodando, entre outros. Enquanto uns dizem que não podem ver a sua cabeça, outros já a assemelham à cabeça de porco. Alguns apresentam características diferentes dessas mais comuns.

O Minhocão desempenha ações que levam o pantaneiro a temer certos locais e horários, principalmente, aqueles que habitam as margens dos rios ou que dependem do rio para sobreviver. À medida que o pantaneiro sai para pescar e encontra peixes, ele também pode encontrar o Minhocão nos rebojos ou nas curvas dos rios. Nesses locais, o Minhocão faz sua morada e trabalha revirando as águas. Essas são algumas das razões que levam o pantaneiro a temer esses lugares, a ter mais cuidado quando por ali passar, à medida que estes lugares são considerados como encantados, onde a água chega até a assobiar. O medo do Minhocão leva o pantaneiro muitas vezes a mudar de local, quando sua casa se localiza nas margens do rio, para um lugar mais seguro onde a “minhoca grande” não consiga atingi-la. Ou ainda, o pantaneiro pode seguir a tradição que diz para jogar cabeça de porco ou arame farpado nas águas, o resultado é afastar o Minhocão das proximidades de sua morada. Mas, ao quebrar a tradição, logo vem o Minhocão e desbarranca aquele local.

O respeito do homem para com a natureza está atrelado às respostas do sobrenatural. O homem, ao gritar ou assobiar em determinadas partes do rio, recebe como resposta sobrenatural a formação de uma onda ou a água começa a se agitar. Além disso, acrescenta-se o fato de que o Minhocão não gosta de criança ou é responsável por mudar o curso do rio. O medo que se constrói do Minhocão não está relacionado apenas às suas

atitudes, mas também ao fato de o pantaneiro perder sua morada, seu pescado e até mesmo a sua vida.

O OUVIR DA VOZ PANTANEIRA

A poesia oral é a grande chave que une pesquisador a narradores, que abre a porta para o universo criado pelos pantaneiros. O estudo das narrativas orais pantaneiras, centrou-se na pesquisa bibliográfica teórico-literária e na coleta de narrativas orais pantaneiras a respeito do mito do Minhocão. O pantaneiro, ao narrar situações de seu cotidiano, leva seu ouvinte a viajar através das manifestações do sobrenatural que se fazem presentes nesse universo, que é transmitido através de experiências vividas, ouvidas ou veiculadas numa tradição oral. As histórias orais transmitem lembranças, costumes, valores, crenças vividas por essa comunidade narrativa e são cercadas pela forma como esses pantaneiros vivem no seu contexto sócio-econômico e cultural.

O primeiro passo na pesquisa de campo foi à busca de um contato prévio com os narradores a fim de expor a eles os objetivos da pesquisa e da entrevista como forma de valorização do conhecimento que o pantaneiro compartilha em sua comunidade narrativa pela poesia oral. Com base nesse primeiro contato, cria-se um roteiro, o guia que coordena a entrevista. O roteiro, assim como dirige/guia a entrevista, ajuda o pesquisador na busca de seu objetivo na coleta dos dados pertinentes à pesquisa do entrevistador.

Manter uma certa neutralidade em relação aos pontos de vistas apresentados pelos pantaneiros, de forma que dirigir as entrevistas a despertar as lembranças dos narradores, transmitindo interesse de forma a interagir com o narrador sem impor valores e opiniões. Nesse sentido, o roteiro decorrer das entrevistas sofre modificações, pois nelas a ordem das lembranças não é necessariamente a ordem do roteiro. Assim, o narrador, ao tratar de uma lembrança de sua infância, discorre sobre outros temas que podem subverter a ordem do roteiro ou nele não estarem contemplados.

No ato da performance, o pesquisador, torna-se ouvinte da poesia oral e assume todas as responsabilidades que este adquire, principalmente a de interação com o narrador, partilhando seu conhecimento.

Através da entrevista, registra-se o conhecimento da cultura pantaneira que o narrador guarda em sua memória. Assim, percebe-se como esse conhecimento vai se atualizando, ao passo que é transmitido de geração para geração. O mito conduz e constrói um sentido social. Os pantaneiros convivem com a natureza e com o sobrenatural simultaneamente, fazendo acontecer ali sua história. Ao assegurar que o narrador se expresse como sujeito ativo da sua comunidade (pois lembrar é uma ação construída coletiva e individualmente), traz à tona uma expressão poética.

O MITO DO MINHOCÃO E O NARRADOR

A poesia oral pantaneira se constrói com o passar do tempo. As tradições e os costumes que vão sendo criados e recriados pelos pantaneiros e a forma de agir e de ser pantaneiro vão se modificando. Ao ouvir o pantaneiro Vadô em dois momentos de sua vida, pode-se compreender como a memória oral dos pantaneiros é expressa através das histórias contadas por eles.

Nas análises das entrevistas, Vadô, ao relatar experiências vividas com o Minhocão, narra dois fatos que aconteceu em sua vida que o marcou muito, nos quais o Minhocão se manifesta de forma diferenciada. Embora esteja situado no mesmo local que é o rio São Lourenço na região do Amolar, o conjunto de relatos do pantaneiro Vadô divide-se em duas entrevistas: uma realizada em 1997 e a outra em 2004, sendo a última dividida em duas partes, pois o narrador num mesmo relato nos conta duas experiências com o Minhocão em locais diferentes.

A seguir, apresenta-se parte da entrevista realizada em 1997, pelos professores Frederico Augusto Garcia Fernandes e Eudes Fernando Leite, num relato sobre o mito do Minhocão. Essa narrativa se encontra na obra “Entre Histórias e Tererés: o ouvir da literatura pantaneira” de Frederico Augusto Garcia Fernandes.

Fizemos a volta, tamo no Rio São Lourenço. Pegamos, demos a volta no Rio São Lourenço, uma boca braba! Enxergamos um bicho como daqui lá [inclina a cabeça para direita e olha fixo pra frente]. Uns três metro assim [levanta a e desce o braço]. Ia longe! E afundava assim, essa canoa vai lá pra cima e vem, né? Aí ele falou:

- Eh! Vamos embora, deixa pra lá.

E esse rapaz caçava, esse que num quis pegar a bandeira, caçava bem também. Foi e atirou nesse bicho. Mas atirou: pá!

Daí, o bicho fez: blee! [mexe os braços abrindo e fechando as mãos.]

Aquela água! Aí jogou nós até pra cima, cum a canoa. Nós [ergue os braços]nadamos, mas como era perto, logo chegamos lá:

- Olha, vimos um bicho assim, assim...

Olha, vou falar pro senhor: tudo bem, amanheceu, aquela água ficou: blu,blu,blu [mexe os braços de um lado para outro, abre e fecha as mãos]. E a parede caindo, a parede caindo, a parede caindo, a parede caindo, a parede caindo. No Rio Paraguai, acima do Amolar. Caindo.

Aí o pessoal me disseram:

- Cê sabe o que que é? esse é o bicho que ele atirou. Esse é o Minhocão.

Aí então, passaram pra lá e vinha. Aí eu falei:

- Mas senhor...

Eu trabalho em fazenda, né? Rodeando, né? E passava pra lá passava pra cá, daí eu falei:

- Olha...

Ele foi pedir auxílio, foi pedir auxílio. Aí, eu atirei o Minhocão! Foi pedir auxílio.

Mas isso tudo mesmo, a minha mulher sabe e muita gente que pode falar pro senhor, contar a verdade. Mesma coisa! Eu to contando aqui uma coisa pro senhor, mas eu to contando o que eu vi. Mas ninguém vai acreditar, vai falar que é mentira, que é essa coisa, que é essas coisa. Porque ninguém vai acreditar, hoje ninguém acredita nessa coisa! Hoje tem muito rapazinho novo aí, num sei e tal e coisa... num vai acreditar, né?

Mas o que eu vi foi isso, pois, olha senhor, o homem foi pedir o socorro, deram socorro pra ele, pegou a casa dele, mantimento dele, e quando foi doze hora mais ou menos a casa dele ó, o bicho tinha devorado tudo! (..)

Mas essas coisa tudo eu já vi, já vi e num vou mentir pro senhor, sou um homem escravo do que eu falar.

É, que o bicho aí, que nós temos que coisar mesmo, é o Minhocão! E esse é o bicho mais doido aí. Que eu conheço de perigoso, na beira do rio, é só o Minhocão! (In: Fernandes, 2002:169-170)

No relato do Minhocão, o pantaneiro retrata uma experiência vivenciada por ele com o sobrenatural, numa região pantaneira denominada de Amolar. O mito do Minhocão apresenta-se rodeado de significados que direcionam a forma de viver e agir no Pantanal. Nessa narrativa, o ataque do Minhocão à lancha e à casa foi resultado de uma ação indevida de um pantaneiro. O rapaz atira no sobrenatural com a arma de fogo. Devido a essa postura do pantaneiro, o Minhocão atribui uma resposta a esse ato: “atirou nesse bicho. Mas atirou: pá! Daí, o bicho fez: blee! (...) Aquela água! Aí jogou nós até pra cima, cum a canoa”. Essa é uma das ações do mito que o narrador aponta, que direciona para uma análise a respeito do uso da arma de fogo a que Banducci (1995) refere-se nos seu estudo sobre o Pantanal. A arma é um instrumento que permite ao homem exercer seu poder sobre o natural, ao passo que, ele não consegue o mesmo êxito com o sobrenatural. Nesse sentido, percebe-se, que a arma de fogo não atinge o Minhocão, resultando nas atitudes que o sobrenatural assume contra o homem que agiu de forma incorreta perante os costumes da tradição pantaneira.

No caminhar dessa mesma narrativa, encontra-se outra ação desempenhada pelo Minhocão. O pantaneiro mostra para seu ouvinte, através de sua história, o quão perigoso é a atitude do sobrenatural quando se age de forma a desrespeitar a natureza ou a desafiar o sobrenatural. Através do retorno do sobrenatural, a casa do pantaneiro desmorona devido à ação do Minhocão. Assim, diz o narrador: “a parede caindo. No Rio Paraguai, acima do Amolar (...) pegou a casa dele, mantimento dele, e quando foi doze hora mais ou menos a casa dele ó, o bicho tinha devorado tudo!”

Ao discutir os significados das narrativas, averigua-se como é amplo o contexto social e moral sobre os quais as narrativas do Minhocão estão embasadas. Ao aparecer na voz pantaneira, as narrativas orais expressam um conhecimento coletivo, ao mesmo tempo em que congregam especificidades do próprio narrador.

O mundo possível criado pelo narrador pode ser compartilhado com outros narradores, que alimentam crenças e costumes em comum. (...) o mito [do Minhocão] confunde-se com a realidade, apresenta um forte matiz coletivo, vinculado à tradição oral. Trata-se de uma consciência compartilhada por vários indivíduos de uma mesma comunidade narrativa que, de certa maneira, dá sustentação a ele sobretudo ao fornecer modelos analógicos (isto é, contínuos e relacionados com expressões que os precedem), difusos de conhecimentos, funcionando como estofos para uma consciência criativa de cada narrador. (Fernandes, 2003:191)

A consciência coletiva acompanha a função social que o mito desempenha na comunidade narrativa, ao passo que os narradores no ato da performance vão atribuindo às narrativas ora uma autoria ora uma autoridade sobre os relatos. Isso significa uma participação anterior do narrador num evento comunicativo. Desse modo, aquilo que o narrador conta é, em certa medida, parte daquilo que ele ouviu somada às transformações que ele está impetrando em sua narrativa ao atualizá-la. Além disso, o narrador busca uma autoridade, que se faz por via de um teste. Com seu receptor. Esse teste ocorre de maneira bem sutil, às vezes, por uma simples troca de pessoa. Nas palavras de Fernandes e Leite a autoridade acontece no caso do

contador, para perceber se seu ouvinte é capaz de aceitar o mundo possível que ele lhe abre, tende a implicar uma terceira pessoa, que teve contato com um mito. Daí, se o ouvinte não manifestar nenhum descrédito, ele passa a relatar a narrativa em primeira pessoa. (2003:54)

Embora seja comum entre os pantaneiros, isso não aconteceu com seu Vadô, pois este narrador atribuiu uma autoridade a seus relatos de maneira clara. Ele narra suas experiências vividas com o Minhocão. Essa autoridade é marcada pela frase “mas essas

coisas tudo eu já vi, já vi e num vou mentir, pro senhor, seu um homem escravo do que eu falar”.

A autoridade (...) se dá de uma forma bem mais sutil, mas não menos eficiente, que pelo recurso da proximidade entre o enunciado e as coisas ao redor do mundo do narrador. Ao trazer elementos do cotidiano, como a caçada e a razão para caçar, (...) confirmação da existência da personagem principal, a exemplificação de elementos do espaço [o rebojo] e os gestos e as expressões, que trazem a narrativa para o presente, a narrativa aproxima o fato do verossímil e criva seu enunciado com a plausibilidade de que tudo aquilo que conta realmente aconteceu. Assim procedendo, [Vadô] estabelece uma ligação com seu ouvinte, pela empatia (devido à proximidade entre o mundo do ouvinte e o mundo possível criado pelo enunciado). (...) A autoridade exerce-se com a prática de um saber diferenciado, pois leva em conta a experiência, a observação e o lado mágico da vida. (Fernandes e Leite, 2003:55)

Além disso, o narrador apresenta para seu ouvinte detalhes da situação vivida por ele que é transmitida através da voz e dos gestos criados para representar as cenas já vividas, as quais estão armazenadas em sua memória.

Esse momento de atualização do mito, num encontro entre narrador e ouvinte num determinado tempo e espaço, Paul Zumthor (1997:33) denominou de performance. Em suas palavras a performance define-se como “a ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida”. Para Fernandes:

A performance é, então, um momento de fascínio, articulada pela mistura de códigos e diversidade lingüística, envolvendo não somente pela fábula, mas também pela maneira como é transmitida. O olhar, o silêncio, o franzir da testa, as mãos, o riso, objetos próximos, sons guturais, a fala. (Fernandes, 2002:28)

O narrador, ao utilizar-se desses recursos no ato da performance, “materializa” o texto oral, as lembranças que estão em sua mente. Dessa forma, facilita a compreensão dos fatos para o ouvinte, levando-o a imaginar as cenas de forma a direcionar a atenção desse ouvinte. O gesto, principalmente, é o recurso que transmite mais sentido à narrativa durante a performance, pois a ele confere uma dimensão dos objetos, fornece uma localização espacial e elucida o “como fazer”. Para Zumthor (1997), o gesto valoriza a linguagem, pois o gesto e a voz caminham juntos na construção dos significados das narrativas.

Ao mesmo tempo em que os gestos, as expressões faciais, as onomatopéias ilustram a fala do narrador, esses recursos substituem muitas vezes a própria voz do narrador. Levando, assim, o ouvinte a imaginar o que o narrador lhe conta. A voz e o gesto fundem-se no ato da performance para que se concretizem as imagens que o narrador tem

Daiana Bragueto Martins - As Representações do Mito do Minhocão: uma análise das narrativas orais pantaneiras

em sua mente. Por outro lado, esses mesmos recursos podem ter a função de exemplificar ao ouvinte como agir ou executar uma determinada situação no contexto social, no qual está inserido o narrador e o seu ouvinte.

Na segunda representação do mito do Minhocão pelo mesmo narrador, cuja narrativa compõe o conjunto de histórias coletadas na pesquisa de campo em janeiro de 2004 percebe-se que Vadô constrói sua história através da voz e dos gestos misturando histórias de vida com experiências sobrenaturais. Trata-se de um ir-e-vir nas lembranças que ele guarda consigo dos anos passados, das aventuras, das boiadas, das pescarias, ou seja, da vida como pantaneiro. Assim começa o narrador

Esse foi no no Amolar... esse caso. Às vez a gente fala as coisas, mas é caso. Tem gente aí que sabe, se o senhor pergunta outros falam. Acredita se quiser. Mas, é caso se você perguntar aquele de uma vez.. Tem gente que vai contar a mesma coisa que eu contei.

Jogou a cabeça do porco, no rebojo. A casa dele era mais ou menos cinqüenta metros isso aí no Lorenço. Era acima do Amolar. Mas, esse bicho que fica aí, que já tinha comido criança. Já tinha comido dois filhos dele. Comido. E falam aí, falam pra ele que tem que jogar cabeça de cavalo. Ocê sabe, né?! O que que tem a cabeça de cavalo com o Minhocão? Mas, tem. Nesses casos aí que tá a coisa, ou então cabeça de porco.

Bom! E o homem foi fazer festa, né? Deu caso de matar um porco. Na festa come e depois joga a coisa do porco, a cabeça, já o osso, né? Jogaram. Pois, o senhor sabe que quando foi uma semana, o bicho rodou, derrubava barranco. Barranco caía: tra bru, bru, bruo... [estica o braço e faz movimento circulares como se rodasse]. E o bicho foi indo, foi indo. Comendo. Comendo. Comendo. Daí, que o pessoar do Molar foi lá, que tinha lancha, que tinha batelão. Que falou pra ele:

— Aí, agora que você não vai sair daí que ele vai derrubar sua casa. Não, mas vai lá.

Quando de noite caía aqui barranco. Pois olha, quando foi com cinco dias fez um burracão por baixo. Derrubou a casa dele. Foi o pessoar do Amolar que foi lá buscar ele. Tava aí. Se ele ficasse na casa, ele ia embora. (Vadô, 2004)

Nesse trecho da entrevista, as lembranças do narrador a respeito do Minhocão unem duas experiências vivenciadas por ele com o sobrenatural em momentos passados distintos. Num primeiro momento, ele nos relata a ação do Minhocão de ter comido as crianças e do desbarrancar da casa no rio São Lourenço. Espaço este semelhante ao da entrevista realizada em 1997, assim como, atitude atribuída ao sobrenatural do desbarrancamento. Já na segunda entrevista, de 2004, o narrador prossegue sua história de forma a relatar a experiência que teve com o Minhocão na presença de seu irmão no rio Paraguai.

Esse rio aqui, eu vi, eu atravesssei, eu fui com meu irmão e dei uma volta por outro lado, aí do Paraguai. Aí queria pegar uma melancia. Aí ele comentou então vai lá na roça, pegá-la, melancia. Mas, rapaz o que fomo lá na roça aí quando a

gente vinha de volta. Tá aquele troço, aquele pau que vai rodando de volta. Mas é rapaz. Era um pau que vem rodando todo preto, pau que vinha assim naquela corredeira, porque lá, lá é lugar fundo, tem a boca da baía, né? Que quando chegou uma distância seu coisa, assim eu vi cabeça de porco, igualzinho cabeça de porco. Quando olhei, meu irmão fala que aquele lá é um bicho, ele endireitou e cortou; nós rema, rema, rema. Então, nós não ia passar direto assim pra chegar na gurita. Aí, nós tivemos que descer, tivemos que descer. Aí tinha uma cachorrinha, que tinha ido com nós que até caiu n'água e ... mas chegou nessa cachorrinha e chego lá [abre e fecha a mão como se pegasse a cachorrinha]. Aí, nós descemos pra baixo, nós descemos pra baixo e ele foi atrás de nós. Que, que e esse é o tar do Minhocão. É justamente. A gente vê, fala muita coisa. Aí no Paraguai não tem bicho grande, tem no mar, tem não sei o quê. Esse caso sucedeu. Mas tem seu... e no descer pra baixo pra pegar a corredeira d'água, revira assim. Ele ia revirar nós. Pois é, dourado vê esse bicho, esse peixe, o tar do Minhocão. Eu sei assim que esse tar de Minhocão é eu sei assim, sei lá que ele é peixe, sei lá o que ele é. Atiraram ele no Rio Paraguai. Atiraram. Ele lá no rebojão que tem na beira, na ponta do morro, o rebojo. Nesse rebojo, seu coisa, eu vou falar pro senhor, tem dia que canta galo, canta... cantiga de galo. Que se fala que era água, mas o senhor vê a gente como pantaneiro, como daqui. Tiraram, lá tem. (Entrevista Vadô; 2004)

Nesse relato de Vadô sobre o Minhocão, encontra-se além das representações das ações do Minhocão como também uma descrição física do mito. Dentro do conjunto de lembranças o Minhocão para ele é um “troço, aquele pau que vai rodando de volta. Mas é rapaz. Era um pau que vem rodando todo preto, pau que vinha assim naquela corredeira, porque lá, lá é lugar fundo, tem a boca da baía, né? Que quando chegou uma distância seu coisa, assim eu vi cabeça de porco”.

Nessa narrativa, o pantaneiro não sente segurança ao relatar o mito como sobrenatural. Procura resolver essa incerteza, ao passo que conta ao seu ouvinte: “eu sei assim que esse tar de Minhocão é eu sei assim, sei lá que ele é peixe, sei lá o que ele é. Atiraram ele no rio Paraguai. Atiraram. Ele lá no rebojão que tem na beira, na ponta do morro, o rebojo”, o narrador expressa sua incerteza quanto à naturalidade ou a sobrenaturalidade do Minhocão. Atenta-se para o fato de o Minhocão estar no rebojo e, dessa forma, o narrador prossegue sua narrativa atribuindo o caráter de encantamento ao rebojo, local onde habita o Minhocão. Dessa maneira, o narrador não deixa claro se o ruído que vem das águas é um som natural da própria água ou se é do Minhocão. Isso leva a afirmar que o Minhocão, ao passo que vive na memória do pantaneiro, é um mito com características sobrenaturais, sendo considerado pelo narrador como realidade e não como uma fantasia.

Portanto, nas entrevistas, o narrador manifesta sua identidade e sua autoridade, isso é a sua marca por ser pantaneiro e participante modificador desse universo.

Dessa forma, é considerado como o conhecedor da tradição, dos seres naturais que ali fazem seu habitat e dos sobrenaturais que cercam o meio e a cultura pantaneira, revelando a forma de agir nesse espaço. Ao mesmo tempo, os relatos ganham especificidades do próprio narrador no momento em que os reproduz, eles são recheados pelos conhecimentos de todos os pantaneiros que participam dessa comunidade narrativa. Ao passo que o narrador afirma em sua fala que “tem gente que vai contar a mesma coisa que eu contei”, ele está expressando a realidade do fato contado à proporção que revela que outras pessoas sabem do acontecido. Nesse sentido, o mundo possível criado pode ser compartilhado com outros narradores, que alimentam crenças e costumes em comum. Em outras palavras, o narrador no ato da performance deixa marcas e traços de sua identidade, mas também engloba conhecimentos que pertencem a outros narradores. Nesse sentido, a cada representação do mito do Minhocão ocorre uma transformação num ato de (re) criação do próprio narrado, indicando o fato que ele quer enfatizar no ato da performance, isto é, o passado envolvendo o presente, trazendo consigo uma explicação para este e uma significação da vida pantaneira.

ATUALIZAÇÃO DO MINHOCÃO; DO MITO À LENDA.

A narrativa oral não se trata de um texto cristalizado. Ela é um fragmento de um universo oral, a cada nova atualização do mito no ato da performance, o narrador dá continuidade à tradição oral que percorre a voz pantaneira, especialmente, as histórias sobre o Minhocão. Quando o pesquisador encontra-se envolvido com o universo de narrativas orais pantaneiras, no momento da performance aparecem certas variações quanto ao gênero da narrativa.

Ao trabalhar com narrativas a respeito do Minhocão, constata-se que os narradores relatam fatores que levam a classificá-lo ora como mito ora como lenda. As narrativas orais sobre o Minhocão são marcadas pela presença de lugares e objetos próximos do cotidiano pantaneiro: rios, casas, lanchas, batelões, barrancos e pessoas que vivem ao redor desse narrador, ou seja, pessoas que fazem parte dessa comunidade narrativa. Assim, ao narrar uma vivência no Pantanal, o narrador acredita piamente no que diz e no que ouviu dizer por outros narradores.

Como aparece em várias vozes pantaneira:

Quer dizer, eu nunca vi, mas sempre contava esse causo, né? Mas agora, como o minhocão, ele tem no rio, nesse rio Paraguai tem! (Airton Rojas)

Pra cês vê, no rio, o minhocão que o pessoal fala, eu uns oito anos atrás, nós vimos. Tudo nós daqui da lancha, não foi eu só que vi. Falar que foi só eu que vi. Todos nós vimos de manhã cedo! (Dinote)

Nós já vimos ele [Minhocão] lá no porto de casa, lá tinha. Ele saía pra tomar banho de lua... (Dirce Padilha)

Nas narrativas acima, percebe-se que o Minhocão é caracterizado como real e verídico, isto é, o narrador empenha sua palavra, ao narrar o acontecimento no qual este mito se manifesta. Para alguns, a experiência permitiu que o pantaneiro tivesse um contato direto com o sobrenatural; outros apenas conhecem suas ações e seu ruído, através de histórias ouvidas.

Para Benjamim, o narrador

enriquece a sua própria verdade com aquilo que vem a saber apenas de ouvir dizer. Saber narrar a sua vida é a sua vocação; a sua grandeza é narrá-la inteiramente. O narrador – eis um indivíduo capaz de permitir que o pavio de sua vida se consuma inteiramente na suave chama de sua narração. (1996:81)

Além disso, nenhum narrador assume para si o conhecimento sobre o Minhocão, sempre aparece nos relatos o papel do coletivo: “muitos já viram”, “nós já vimos”, “todo mundo sabe”, “o pessoal fala”, entre outras marcas desse conhecimento coletivo. Assim sendo, é um registro que caracteriza a comunidade narrativa e a identidade se faz presente na forma como cada narrador atualiza o mito no momento da performance.

Ao ouvir os narradores, constata-se que em todos os relatos o Minhocão assume a função de protagonista que de acordo com Leite (1995:63) “nas narrativas do Minhocão dificilmente poder-se-ia trabalhar com o conceito de personagens à exceção dele mesmo, o próprio Minhocão”. O narrador ao contar história do Minhocão por seu testemunho humano vai apresentar ao seu ouvinte movimento, ação, conservando algumas características que se somarão à visão coletiva do mito, mas que ao mesmo tempo individualiza o mito que vai mudando e se adaptando às condições do ambiente em que age. (Casculo, 1952:49)

O mito, em sua essência, é a ação nitidamente personalizada. Para Casculo (1952), isso significa: o mito possui um nome – Minhocão – e pode ser uma constante em movimento que se encontra em vários lugares, como: na reserva do Mato Grosso, no rio

Daiana Bragueto Martins - As Representações do Mito do Minhocão: uma análise das narrativas orais pantaneiras

São Lourenço, no porto São Camilo, no rio Paraguai, entre outros. Essa é a razão de o Minhocão ser um mito pantaneiro, por ter sua representação nos rios pantaneiros, a sua presença e marcas na vida do pantaneiro/narrador que habita essa região do Pantanal.

A seguir, apresenta-se uma narrativa do pantaneiro Vandenir Vaz, conhecido como Dinote, cujo enfoque é atribuído a forma como o Minhocão é representado por esse pantaneiro, através do processo de constituição da narrativa oral.

Pra cês vê, no rio, o minhocão que o pessoal fala, eu, uns oito anos trás, nós vimos. Tudo nós daqui da lancha, não foi eu só que vi. Pra falar que só eu que vi. Todos nós vimos de manhã cedo! (...) ... nós vimos um bicho grande. Bicho grande mesmo! Que fez assim [levanta o braço como se fosse dar um bote], não sei se tava sondando ele pra pegar. Ele levantou, fez aquele lombo! Nós não vimos a cabeça dele, só vi o lombo dele [indica com o braço que o bicho mergulhava e emergia].

Foi umas três ou quatro vez no bote onde ele estava, em cima do pau, puxando. Nós vimos esse tipo de bicho. Mundo de bicho preto!

Não foi só eu que vi, não. Toda a tripulação da lancha viu. Era sete horas da manhã mais ou menos, e aí foi várias.. A gente via.

Tem um lugar aqui que nós falamos, que é aqui inclusive, em frente a reserva daqui do Mato Grosso tinha um lugar famoso, que os caras não podia morar. Não podia morar porque, conforme eles faziam a casa, ia desbarrancando. O minhocão vinha, ia demolindo. Eles mudavam a casa profundo. O minhocão vinha, gostava daquele pedaço, mais ou menos uns trezentos metros de comprimento ali. Inté o fazendeiro foi e acabou com o porto. Nós falava 'porto de São Camilo'.

Então, acabou com o porto por causa desse bicho que perseguia. Criança então, diz que não podia ver. Que quando uma criança ia lavar a mão, o bicho vinha e atropelava, derrubava barranco pra assustar criança. A criança corria, ia embora!

Hoje é bem em frente da reserva de Mato Grosso, da reserva. Mas esse ninguém tinha.. nego que via! Pescador via, via o minhocão lá. Mas eu nunca vi o que ele fazia de destruição, que ele fazia. Tinha o seu Zé Alves, que é um homem de sessenta, quase setenta anos hoje, que era um morador de lá, falou:

- Ah! Doutor Camilo, eu não vou mais morar lá! Porque conforme a gente faz a casa, ele vai indo. Vai destruindo. Vai destruindo o barranco, até chegar aonde a gente ta!

E aí largaram de mão! Mudaram. Ele mudou pra Corumbá veio embora pra cá com a família. E aí ele parou, o bicho parou. (In Fernandes, 2002: 158 -159)

Os narradores, como Dinote, passam a confiar em suas lembranças, ao passo que começam a traçar uma linha de atuação entre os pantaneiros e suas atividades cotidianas. Para Candido (2000:47), "o mito não é de fato uma rapsódia ociosa, nem o extravasamento sem objetivo de imaginações vazias, mas uma força cultural extremamente importante e operante" que passa a ser atualizado pela tradição oral por um processo no

qual a memória, a imaginação e a criatividade atuam sobre a constituição da narrativa oral no presente, transmitindo a experiência de vida e envolvendo o meio em que se encontra o narrador. Trata-se do uso da tradição oral no presente e, também, de uma atualização do mito por um processo no qual a memória revela o passado e agrega novos elementos. É um trabalho com a memória, pois é através da sua história de vida que o universo poético do homem pantaneiro passa a ser compreendido. Assim sendo, a narrativa oral não se trata de um texto inerte e cristalizado. Porém, é recheada por uma função, seja social e/ou moral, que ditam as normas de comportamento do pantaneiro.

O mito do Minhocão, ao apresentar as crenças, os hábitos e os costumes pantaneiros, os quais devem ser preservados e, sobretudo, respeitados, pode fecundar no ouvinte uma doutrina, que se ergue sob a égide do medo, levando-o a temer certos horários e locais. Na narrativa, Dinote apresenta o medo, embasado numa função moral, na qual o Minhocão ataca a criança, "...quando uma criança ia lavar a mão, o bicho vinha e atropelava, derrubava barranco pra assustar criança. A criança corria, ia embora!" Cascudo (1952:104) observa que "o mito age e vive, milenar e atual, (...) envolto em credices, escondido em medos, em pavores cujas raízes vêm de longe, através do passado escuro e terrível". Assim, pode-se afirmar que o mito do Minhocão está assentado na experiência de vida e seus elementos principais são conduzidos pela tradição, isto é, são antigos e persistem quase sempre com nova roupagem em vários relatos.

Quando a origem do Minhocão é apontada em algumas entrevistas, nota-se que o tempo de origem não é cronológico, isto é, datado. Trata-se, por outro lado, de um tempo mítico, o que corrobora a existência do mito numa tradição oral. Percebe-se que dois narradores tentam, no decorrer de suas histórias, explicar essa origem. Wladomiro de Souza relata que o Minhocão surgiu junto com todos os outros seres que habitam o planeta: "existe desde começo que Deus botou o mundo, que fez o rio, peixe, tudo as coisas no rio, saiu o minhocão". Para esse narrador, o Minhocão não assume características sobrenaturais. Por outro lado, há nos relatos de Vadô uma dúvida em relação ao surgimento desse ser: "eu sei assim que esse tar de Minhocão é eu sei assim, sei lá que ele é peixe, sei lá o que ele é. Eu sei que atiraram ele no rio Paraguai". Para esse narrador, não importa o que é o Minhocão e a sua origem, mas as ações que ele desempenha e a sua existência ali no rio Paraguai.

Ao adentrar na discussão sobre o Minhocão, inserido num contexto lendário, a atenção recai sobre os escritos de Jolles. Para o autor, a lenda:

trata-se de um fenômeno de linguagem e literatura. Sob o impulso de uma disposição mental, a língua denomina, produz, cria e significa uma figura derivada

da vida real e que intervém, a cada instante, nessa vida real. Ela não precisa, para fazê-lo, de uma obra de arte; não se encontrará, neste caso, o fenômeno único e irrepetível de uma forma que se cristaliza de novo na produção de um artista (...) No entanto ele aí está: podemos desenhá-lo e, vendo esse retrato, (...) reconhecemo-lo e encontramos nele, na medida de nossas necessidades, um modelo, um personagem que nos mostra, concretamente, o que desejamos aprender e o que devemos fazer em ocasiões particulares da vida real. (1976:50)

Quando um narrador constrói uma representação a respeito do Minhocão, ele leva o ouvinte a imaginar a presença real do sobrenatural na vida desse narrador. Desse modo, aprende-se a viver nesse espaço pantaneiro, principalmente, nos rios onde ele habita.

Para Banducci:

ao pensar o espaço (...) onde são considerados os diferentes domínios – social, natural e sobrenatural - a fim de construir não apenas o sentido simbólico do espaço, mas o lugar do homem diante dele. Relacionar-se com o ambiente no contexto pantaneiro significa, portanto, transitar constante e perigosamente nos limites tênue da natureza e da cultura. Assim, freqüentar locais ambíguos, agir fora dos padrões esperados do contexto social, aproximar-se de lugares marcados por atos avessos à moral campeira, tudo isso pode desencadear a ação de forças extraordinárias sobre as quais os homens não têm controle. Esses contatos, entretanto, não visam punir os homens por ações transgressoras, (...) são mais complexos em seu significado, reforçando inclusive os valores sociais próprios da comunidade. (1995:164)

Ao continuar as análises de Jolles a respeito da lenda, percebe-se que o Minhocão vai ser caracterizado como malfeitor, pois ele traz em suas ações uma ‘maldade’ para o homem pantaneiro, à proporção que destrói suas casas, suas canoas e chega até a matar o pantaneiro que transita sobre o local onde ele se encontra. Local este que os pantaneiros passam a temer nas lendas. Retoma-se novamente Jolle, que afirma:

...as proezas do malfeitor podem objetivar-se em maldade ativa e desprender-se dele, para lhe serem, em seguida vinculadas de novo. A sua figura cristaliza-se, então; o gesto verbal apossa-se dele e, mesmo depois de ter sofrido seu castigo como indivíduo, mesmo depois de sua execução, a falta ativa que é o reflexo de sua Maldade lhe sobreviverá à personagem. Ele já não está presente, mas continua a existir: a sombra os lugares, é um [sobrenatural]; traz consigo o infortúnio, está ligado no espaço local de suas malfeitorias. As pessoas evitam esses lugares. (1976:53)

Nos estudos realizados por Mario Cezar Leite sobre o Minhocão (1995:81), ele considera que o universo oral pantaneiro, “o Minhocão parece permanecer estranho ao gênero narrativo lenda”. Embora, ele aponte que na lenda

a atitude é verdade, ou seja, o relato é de 'acontecimentos tidos como verídicos'. Esse é o princípio básico para o Minhocão (...), relata-se um fato acontecido. Portanto, realidade e não ficção. A mudança de atitude implica, também, em uma mudança na função social. Simonsen aponta a função social da lenda como 'lição moral ou sapiencial'. (...) Não é possível afirmar, à luz da pesquisa de campo, que o minhocão cumpra ou exerça essa função. A menos que se pensasse em termos de lição sapiencial para crianças. Ou seja, que ele cumprisse a função de manter as crianças afastadas do rio devido ao perigo do afogamento, etc. (1995:80-81)

Com isso, nota-se que a ação desempenha pelo Minhocão, nas narrativas estudadas por Leite, são similares às atitudes que o Minhocão atribui à voz de Dinote. Ao continuar esse caminho da lenda, chega-se às afirmações realizadas por Câmara Cascudo que atribui às lendas o papel de

registrar a origem de seres, astros ou objetos indispensáveis na vida indígena. Centenas outras fixaram a explicação do 'princípio' do fogo, das frutas, dos rios, da ornamentação dos cereais, sempre com o característico sobrenatural mas mantendo identificação geográfica e personalizando a tribo. (1952: 103)

Na mesma análise, que Cascudo aponta em seus estudos, em comparação com as narrativas orais pantaneiras, percebe-se que o Minhocão apresenta-se na voz do narrador como um ser indispensável em sua vida, à medida que ele vai dar explicação aos fenômenos naturais através das ações desempenhadas pelo sobrenatural. Dessa forma, o pantaneiro, ao transmitir a seu ouvinte relatos da presença do Minhocão nos rios pantaneiros, mantém sua identificação com esse espaço, denominado Pantanal, e sua personalização dentro dessa comunidade narrativa. Nas narrativas estudadas sobre o Minhocão, verifica-se como essa determinação dos lugares é marcada pelos pantaneiros aplicando um valor de conhecimento do local que marca sua identidade, ao passo explica em sua narrativa o hábito de convivência com o sobrenatural nos rios pantaneiros.

Banducci afirma:

As circunstâncias particulares que envolvem esses acontecimentos, entretanto, são, em si mesmas ricas em significado cultural, revelando no simbolismo das ações e conceitos expressos, no conteúdo das narrativas onde são relatadas, a forma com os pantaneiros concebem o mundo e sua relação com ele. (...) O que se pretende aqui é exatamente demonstrar, por meio da análise de algumas narrativas sobrenaturais, a relação estreita entre o pantaneiro simbólico e a práxis social, ou, em outros termos, não apenas o modo como a realidade da vida campeira é pensada nos relatos fantásticos, mas a maneira mesmo como determina o seu significado. (1995:165)

Deste modo, o Minhocão é considerado pelos narradores como um fato verídico, ao passo que ele habita uma determinada região do Brasil denominada de Pantanal. Nessa região onde se localiza o sobrenatural, existem determinados locais onde ele impede a construção de casas, a passagem de embarcações ou o trânsito à noite. Na narrativa lendária de dona Neguinha, há marcas dessas características:

Ali na barra da baía, na barra da baía onde tinha a corredeira, que a barra da baía foi cortando o rio. Bem aqui em cima na volta assim, tinha também. E daí, o Minhocão pego um índio. Então, eles falam era um bicho, espécie de uma cobra. Uma cobra mas muito grande, que pegou. E da onde ele gritava, o índio do morro pontudo. Pois é, ali tem dono ali. É encantado, tem gente que mora ali. Mas, ali é encantado(...) Ali o homem gritava, gritava, gritava. Aí quando ele chegou, levantou uma ponta de nuvem lá do morro. Levantou na aldeia uma ponta de nuvem lá daquele morro pontudo. Veio chegou ali bem na barra da baía, bem na barra da baía e bateu um raio aí. Eu, como os índios acreditávamos muito. Aí, teve um morador dali, lá da barra. Onde era primeiro o estancamento. Por antigamente ali, que era o estancamento na barra da baía. Aí falo assim que esse trovão bateu muito perto. E ele foi caçar e nós ficamos esperando, esperando. Ele foi pra cá, pra cima. Diz que ia pesca e aí tava morto lá e o bicho também. Porque o raio bateu lá. Porque tudo isso era acreditado. (...) Aí foram caçar, procurar, vamos vê. Ele diz que ia pescar e até agora não veio. Vamos descer o rio pra ver. Aí viram a canoa enfiada assim. Ele morto com aquele bicho ali morto. O bicho (...) era uma espécie de uma cobra. Cobra muito grossa, muito grande, muito grande mesmo. Diz que era uma cobra, mas a cobra era preta. Preta por inteiro e barriga branca. Diz que o corpo todo inteiro era de uma cobra até a cabeça. Esse é o Minhocão. Ele existe até hoje. (Entrevista dona Neguinha, 2004)

De um ponto de vista do gênero, lenda e mito são muito semelhantes. O gênero na poesia oral deve ser compreendido em razão das situações e contextos de atualização (Zumthor, 1997). Nesse sentido, quem conta ou canta (homem ou mulher); os acompanhamentos musicais ou que envolvem uma coreografia, os eventos que precedem (festas religiosas, conversas rotineiras, etc.) devem ser levados em conta. O fato é que tanto o mito como a lenda foram coletados num evento performático comum: a situação da entrevista. Daí, as diferenças entre eles são muito tênues. Apesar de que, conforme aponta Cascudo (1952), o mito ao ser caracterizado pelo trânsito e pela recorrência e a lenda pela lembrança de um lugar onde ocorre um fato e/ou um fenômeno marcante, nota-se que o Minhocão congrega os dois elementos. Assim, no conjunto de entrevistas não se tem dúvidas de que se trata de um mito: ele se apresenta em diversos lugares e diferentes situações. Até mesmo um único narrador, ao contar várias histórias do Minhocão e a sugerir a explicação de um fenômeno natural, está empregando-o como um mito. Por outro lado, há algumas histórias que se centram num local encantado, em que o rebojo ganha papel de destaque e que o Minhocão atua apenas como uma personagem coadjuvante. Aí, ele está sendo empregado num caráter lendário.

A pantaneira, dona Neguinha, ao contar sua história sobre uma baía encantada apresenta no conjunto de narrativas estudadas uma narrativa lendária sobre o Minhocão, ao passo que ela marca o lugar onde o sobrenatural habita “ali [a barra da baía] tem dono ali. É encantado, tem gente mora ali. Mas, ali é encantado”. Esses locais passam a ser temidos pelos pescadores da região e conforme a narradora vai caminhando em seu relato, ela afirma justamente isso, a atenção dos pescadores em lugares onde o Minhocão está presente

Além disso, o Minhocão, também, está presente na organização social desses moradores, seja por ditar normas ou em razão de impor valores e costumes (Fernandes, 2002). Assim sendo, durante a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo há marcas das diferenças como também semelhanças ao denominar o Minhocão como mito e/ou lenda. O estudo se preocupou mais com o narrador, a sua forma de classificar a narrativa oral, ficção ou realidade, pois é o narrador quem dirá a diferença quanto à sua intenção, ao foco narrativo, ao espaço e à personagem. A narrativa do Minhocão congrega tais aspectos do cotidiano da vida dos pantaneiros, sendo carregado por eles durante sua vida e resgatados anos depois pela memória e lembranças. Essa experiência compartilhada pela narração de histórias engendra e movimenta a cultura oral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo do universo poético oral pantaneiro, as análises desenvolvidas sobre as narrativas orais do mito do Minhocão envolvem todo um conteúdo poético oral que circula no Pantanal sul-mato-grossense. O contato direto, através da pesquisa de campo, com os narradores, buscou relatos sobre as experiências que esses narradores tiveram durante a sua vida, os quais estavam armazenados em sua memória sobre o Minhocão. Os relatos armazenados pelo gravador e pela imagem da filmadora permite adentrar no universo do imaginário, que a voz do narrador acompanhada por seus gestos guia através das suas lembranças e possibilitou conhecer um pouco mais dessa poesia que circula na voz pantaneira. Além disso, a experiência de pesquisa de campo em Corumbá/MS permite uma aproximação com alguns narradores e com a sua cultura. Muito há de ligação entre a poesia oral e a cultura do homem que a atualiza.

Trata-se de um trabalho com a memória, a fim de que ela seja socialmente compreendida. A história contada pelos pantaneiros traz em si todo um universo poético do homem local, esta história é constituída mediante as relações sociais estabelecidas que possibilitam a manifestação identitária de um grupo social; elas circulam pela voz, daí o caráter performático; elas são armazenadas na memória, por tal razão alimentam e atualizam a tradição oral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AGUIAR E SILVA, V.M. 1982. *Teoria da Literatura*. 4ª ed., Coimbra: Livraria Almedina.
- BACHELARD, G. 1989. *A água e os sonho*. Trad. de A. P. Danesi, São Paulo: Martins Fontes
- BENJAMIN, W. 1996. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. S. P. Rouanet, São Paulo: Brasiliense.
- BANDUCCI JÚNIOR, A. 1995. *Sociedade e natureza no pensamento pantaneiro: representação de mundo e o sobrenatural entre os peões das fazendas de gado da "Nhecolândia" (Corumbá/MS)*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, USP.
- BORDINI, M. G & AGUIAR, V. T. 1988. *A Formação do Leitor: Alternativas Metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- CALVINO, I. 1993. *Seis propostas para o próximo milênio*. 3ª ed., Trad. de I. Barroso. São Paulo: Cia. das Letras.
- CANDIDO, A. 2002. *Literatura e Sociedade*. 8ª ed., São Paulo: Publifolha.
- CASCUDO, L. C. 1983. *Geografia dos Mitos brasileiros*. São Paulo, Belo Horizonte: Edusp, Itatiaia.
- _____. 1952. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- CASSIER, E. 1972. *Linguagem e Mito*. Trad. de J. Guinsburg & M. Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva.
- CULLER, J. 1999. *Teoria Literária: uma introdução*. Trad. de S. Vasconcelos. São Paulo: Beca.
- FERNANDES, F. A. G. 2002. *Entre Histórias e Tererés: o Ouvir da Literatura Pantaneira*. São Paulo: Editora UNESP.

Daiana Bragueto Martins - As Representações do Mito do Minhocão: uma análise das narrativas orais pantaneiras

_____. 2003. *A voz em performance: uma abordagem sincrônica de narrativas e versos da cultura oral pantaneira*. Tese de doutorado. Assis, UNESP.

_____. (org.). 2003. *Oralidade e Literatura*. Londrina: Eduel.

HAVELOCK, E. 1996. *Prefácio a Platão*. Trad. de E. A. Dobránszky. Campinas: papyrus.

JOLLES, A. 1976. *Formas Simples*. Trad. de Á. Cabral. São Paulo: Cultrix.

LEITE, M. C. S. 1995. *A Poética do Sobre natural o Homem Ribeirinho: o Minhocão*. Dissertação de mestrado. São Paulo, USP

_____. 1997. O sonho do petróleo e a serpente das águas cuiabanas. *Polifonia*. Cuiabá – MT, 98-122.

_____. 2000. Monstros-serpentes, mulheres: de Lilith ao Minhocão. *Universitária*. Araçatuba, 122-141

_____. 2003. *Águas Encantadas de Chacororé: natureza, cultura, paisagens e mitos do Pantanal*. Cuiabá: Unicen Publicações.

_____. 2001. Nas águas de outro mundo: a mitopoética do Pantanal. *Revista Ângulo*, São Paulo, 13-22.

LEITE, E. F. 2000. *Marchas na História; comitivas, condutores e peões-boiadeiros nas águas de Xarayes*. Tese de doutorado. Assis, UNESP.

LIMA, F. & Lima, A. S. 1985. *Conto Popular e Comunidade Narrativa*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1985.

ONG, W. 1998. *Oralidade e cultura escrita: A tecnologia da palavra*. Trad. de E. A. Dobránszky. Campinas: Papyrus.

THOMPSON, P. 1998. *A Voz do Passado: História Oral*. 2ª ed., Trad. de L. L. de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra.

SILVA, A. C. B. da S. 2000. *A arte de narra da construção das estórias e dos saberes dos narradores da Amazônia paraense*. Tese de doutorado. Campinas, UNICAMP.

SILVA, C. J.; SILVA, J. A. F. 1995. *No Ritmo das Águas do Pantanal*. São Paulo: NUPAUB/Usp.

SILVA, G. O. 1989. *Tudo que tem na terra tem no mar; as classificações dos seres vivos entre trabalhadores da pesca em Pitratininga*. Rio de Janeiro: FUNARTE.

ZUMTHOR, P. 1997. *Introdução a Poesia Oral*. Trad. de J. P. Ferreira; M. L. D. Pochat & M. I. de Almeida. São Paulo: Hucitec.

_____. 1993. *A letra e a voz: a literatura medieval*. Trad. de J. P. Ferreira & A. Pinheiro. São Paulo: Cia das Letras.

Daiana Bragueto Martins - As Representações do Mito do Minhocão: uma análise das narrativas orais pantaneiras

ENTREVISTAS

ENTREVISTA dona Neguinha (filme-vídeo). Produção: Daiana Bragueto Martins, Eudes Fernando Leite, Frederico Augusto Garcia Fernandes e Marcelo Rodrigues Jardim. Corumbá: UEL, 2004. (120min), color., son., VHSc.

ENTREVISTA Olimpio Almeida (filme-vídeo). Produção: Daiana Bragueto Martins, Eudes Fernando Leite, Frederico Augusto Garcia Fernandes e Marcelo Rodrigues Jardim. Corumbá: UEL, 2004. (60min), color., son., VHSc.

ENTREVISTA Osvaldo Pereira de Souza, conhecido como Vadô (filme-vídeo). Produção: Daiana Bragueto Martins, Eudes Fernando Leite, Frederico Augusto Garcia Fernandes e Marcelo Rodrigues Jardim. Corumbá: UEL, 2004. (120min), color., son., VHSc.

ENTREVISTA Vanderlei Marques de Oliveira (filme-vídeo). Produção: Daiana Bragueto Martins, Eudes Fernando Leite, Frederico Augusto Garcia Fernandes e Marcelo Rodrigues Jardim. Corumbá: UEL, 2004. (60min), color., son., VHSc.

Recebido em: 11/04/2007

Aprovado em: 04/06/2007